

PEDAGOGIAS DA BOCA: EDUCAÇÃO, SAÚDE E PRODUÇÃO DE CORPOS SAÚDAVEIS (BRASIL E COLÔMBIA, 1918-1946)

*Iranilson Buriti de Oliveira*¹

Introdução

Este texto, fruto de uma pesquisa apoiada pelo CNPq, tem o objetivo de estudar as aproximações e circulação de ideias educativas em torno da saúde bucal no Brasil e na Colômbia no período compreendido entre 1918 a 1946, colocando em suspeição os discursos que circularam no período supracitado, emitidos por médicos, cirurgiões dentistas, educadores e autoridades públicas que escreviam e inscreviam na história vários enunciados sobre as identidades dos sujeitos, discutindo, também, como as escolas recepcionavam e liam o discurso médico-odontológico. Na Colômbia, a circulação de ideias educativas em relação à saúde do corpo contribui, em 1918, para a criação da Dirección Nacional de Higiene. Quanto ao marco temporal de 1946, este se justifica porque, neste ano, através da Lei nº 27, o governo colombiano criou os Ministérios do Trabalho e o Ministério de Higiene, fracionando o anterior Ministério do Trabalho, Higiene y Previsión.

Portanto, iremos dialogar com o conceito de circulação de ideias, como estratégia metodológica para problematizar as formas de ler e os modos de prescrever o corpo higienizado, civilizado, moderno e educado. Como fontes, pesquisamos em periódicos como *A União*, *Jornal das Moças*, a *Revista de Odontologia* e a *Revista Era Nova* (Brasil), bem como revistas como a *Oral Hygiene*, a *Revista da Federação Colombiana de Odontologia*, o *Boletim Dental* e a *Revista de Odontologia*, além dos jornais *El Tiempo* e *El Espectador* (Colômbia), bem como memórias ministeriais, decretos e leis voltados para a saúde pública e educação do corpo nos países e no período supracitados.

Em diversos reclames publicitários e artigos dos periódicos do Brasil e da Colômbia, a educação bucal é apresentada como fundamental para o homem moderno, para a conquista de novos territórios culturais, pessoais, sociais e profissionais. Dessa forma, diversos agenciamentos pedagógicos e publicitários são utilizados, nas primeiras décadas do século XX, como dispositivos para que o homem e a mulher tenham boca e sorrisos perfeitos, mercadologicamente produzidos, estrategicamente orientados para o consumo de escovas, dentifrícios e enxaguatórios e visitas sistemáticas aos cirurgiões dentistas. No referido período, a implantação dos gabinetes dentários nas escolas públicas brasileiras e colombianas

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Realizou estágio pós-doutoral na Fundação Oswaldo Cruz entre 2008 e 2009. Professor Associado da Unidade Acadêmica de História e Geografia e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-Mail: <iburiti@yahoo.com.br>.

também fez parte dessa pedagogia da boca, mobilizando políticos e educadores em prol da construção de uma população higienicamente produzida. A educação cívica, física e moral é agenciada na hora de educar o corpo para o ambiente moderno.

A maioria dos documentos da época já investigados² constituem relatos marcados por um olhar atento aos detalhes em torno dos espaços que cercavam colombianos e brasileiros. Brasil e Colômbia, nos diversos jornais (*El Tiempo*, *El Espectador*, *A União*, *Brasil Novo*, dentre outros) e revistas (*Oral Hygiene*, *Revista Brasileira de Odontologia*, *Colômbia Médica*, dentre outras) eram lidos e diagnosticados como um corpo enfermo, necessitando de cuidados e prescrições médicas e pedagógicas. À medicina cabia diagnosticar o corpo e à educação era reservada a pedagogia da mente, escriturando para os sujeitos novas lições de como se comportar enquanto um “soldado da pátria”, livrando-se, assim, das moléstias que atacavam devido à ausência de hábitos saudáveis, a exemplo de uma boa escovação bucal. Enquanto a medicina e a odontologia ampliavam seu campo de competências, a educação recepcionava esse conhecimento médico-dentário e o fazia circular no âmbito escolar.

Conforme Gruzinski³ e Oliveira⁴, nos estudos pós-colonialistas são relativamente recentes as perspectivas de análise historiográfica caracterizadas pela ênfase na circulação de saberes, ideias, concepções ou indivíduos, os quais podem se caracterizar “como conectores entre diferentes culturas”. Dessa forma, “a dimensão da história conectada vai além da simples comparação entre diferentes sistemas de ideias”⁵. Portanto, analisaremos a circulação de ideias educativas nesses dois países, investigando seus conectores culturais, mediante fontes como os relatórios de Estado, reportagens de jornais e revistas, decretos e leis, correspondências trocadas entre médicos e dentistas e propagandas de produtos voltados para a saúde bucal.

A partir desse corpus documental, desenhamos algumas questões: 1) como ocorria o processo de circulação de ideias educativas, transferência intelectual, apropriação⁶ e leitura dos discursos médico-odontológico no cenário escolar do Brasil e da Colômbia? 2) Como foram construídas as identidades dos sujeitos na relação entre saúde bucal e educação do corpo? Estas são algumas indagações

² Em 2013 (julho e agosto), pesquisei durante 40 dias na Colômbia. Na Biblioteca Luis Angel Arango, em Bogotá, consultei diversos periódicos que me deram base para a escrita deste projeto de investigação junto ao CNPq. Dentre os periódicos que pesquisei estão *El Tiempo*, *El Espectador*, *Colômbia Médica* e *Oral Hygiene*.

³ GRUZINSKI, S. “O historiador, o macaco e a centaura: a ‘história cultural’ no novo milênio”. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 17, n. 49, dez. 2003, p. 321-342.

⁴ OLIVEIRA, Marcus A. & BELTRAN, Claudia X. “Uma educação para a sensibilidade: circulação de novos saberes sobre a educação do corpo do século XX na Ibero-América”. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, vol. 13, n. 2, 2013, p. 15-43.

⁵ OLIVEIRA & BELTRAN, “Uma educação para...”, p. 18.

⁶ “Apropriar é inscrever na dinâmica particular de uma sociedade. Toda produção técnica ou de saber é proveniente de uma cultura e gerada em circunstâncias históricas particulares. Apropriar evoca modelar, adequar, retomar, incorporar, utilizar, para introduzir em um processo onde a coisa apropriada se recompõe e desenvolve porque incorpora uma lógica diferente do seu circuito original”. GARCÉS, O. L. Zuluaga. “Prólogo”. In: OBREGÓN, J. Saenz; SALDARRIAGA, O. & OSPINA, A. *Mirar la infancia: pedagogía, moral y modernidad en Colombia, 1903–1946*. Bogotá: Colciencias; Foro Nacional por Colombia; Universidad de Antioquia; Uniandes, 1997, vol. 2, p. 14.

iniciais que norteiam a problemática deste artigo.

O corpo saudável: ideias em circulação

Colômbia. Agosto de 1918. Toma posse como presidente da Nação o escritor e ex-ministro da Instrução Pública e das Relações Exteriores, Marco Fidel Suárez (1918-1921). Com a ascensão de um novo presidente, os sonhos de uma Colômbia livre das altas taxas de analfabetismo, da mortalidade infanto-juvenil e das mazelas que atingiam a população local invadem as mentes dos colombianos, desejosos por um novo tempo, uma nova hora para essa “sofrida” gente da América do Sul⁷.

Brasil. Julho de 1919. Acordado pelos primeiros raios do sol do Ponta do Seixas⁸, a Paraíba se levantava para ouvir e ler as notícias que estampavam em quase todos os jornais do Brasil: Epitácio, o paraibano, estava tomando posse como presidente da Nação. Para a gente desta nação, significava muito mais que um novo presidente à frente da União: representava a esperança de melhores condições de vida, dentre as quais melhor saúde e boa educação, melhoramentos urbanos e infraestrutura para os Estados, como testemunhou o médico Flávio Maroja, em 1922: “Graças ao actual governo da República, [a nação] tem sido aquinhoadada de benefícios que lhe vão resgatando um longo passado de abandono em que viveu, por assim dizer, à parte da comunhão constitucional, menos para os ônus fiscaes”⁹.

A emergência de Epitácio Pessoa ao Governo Federal alimentou o sonho de médicos, de cirurgiões dentistas, de professores, de governantes e do povo em relação a duas problemáticas cruciais que, de modo muito semelhante, acometiam tanto o Brasil quanto a Colômbia nesse contexto histórico: saúde e educação.

Os relatos dos periódicos da época fazem circular os desejos, os projetos, as utopias em torno dos novos presidentes e das novas propostas, representando a esperança de ver a nação mais saudável, educada e moderna. Na Colômbia, o governo de Marco Fidel Suárez (1918-21) coincide com a criação da Direção Nacional de Higiene (Lei 32 de 1918 e decreto 2198 de 1918). A DNH, iniciativa do Dr. Pablo García Medina, era uma instância mais bem dotada técnica e economicamente que suas antecessoras¹⁰. Embora muito frágil e com escassos

⁷ Apesar de não ser o presidente mais relevante na institucionalização da higiene na Colômbia, Marco Fidel Suárez foi responsável pela reorganização do Serviço de Higiene. Durante o seu governo, a higiene pública se reorganizara na Direção Nacional de Higiene (Lei n. 32, de 1918, e decreto n. 2198 de 31 de dezembro de 1918), antes Junta Nacional de Higiene (Lei n. 84, de 1914), antes Consejo Superior de Sanidad (Lei n. 33, de 1913). Anteriormente, este se chamava Junta Centra de Higiene (1887-1912). Todos esses departamentos de saúde funcionavam muito mal, devido, principalmente, ao pouco orçamento. A DNH (1918-1922), criada pelo Dr. Pablo García Medina, era uma instância mais bem dotada técnica e economicamente. Ainda durante o governo de Suárez se consolidou a presença da Fundação Rockefeller, mediante a campanha contra a ancilostomíase. A Rockefeller tinha iniciado contato com o país desde 1916. HERNANDEZ, M. “Reforma sanitaria, equidad y derecho a la salud en Colombia”. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 18, n. 4, jul./ago. 2002, p. 47.

⁸ A Ponta do Seixas é o ponto mais oriental das Américas, conhecido também como o lugar “onde o sol nasce primeiro”.

⁹ *Revista Era Nova*, Cidade da Parahyba, 25 mar. 1922, p. 23.

¹⁰ HERNANDEZ, “Reforma sanitaria...”, p. 47.

recursos econômicos até vários anos depois de sua fundação¹¹, a DNH sinaliza o começo de uma década em que o intervencionismo econômico e social do Estado do Estado colombiano deu seus primeiros passos.

Quanto ao Brasil, a ascensão de Epitácio Pessoa à Presidência da República sinalizou a esperança de um novo tempo para a história da saúde pública no Brasil. Isso por que, até então, a “preocupação por parte de alguns governantes da Primeira República se mostrou inconstante com relação à prevenção e controle das situações, o que só viria a acontecer, como política do setor, a partir da década de 1920”¹². Desse modo, na gestão de Epitácio Pessoa, se efetiva a reorganização dos serviços de saúde e o aumento das campanhas em prol da educação sanitária¹³. Entre as principais medidas tomadas pelo governo no sentido de reformar a saúde pública brasileira, destaca-se a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP)¹⁴. Através da “Reforma Carlos Chagas” e dos decretos 3.987, de 02 de janeiro de 1920, e 14.354, de 15 de setembro de 1920¹⁵, o governo brasileiro criava e regulamentava o DNSP. Dessa maneira, por meio de medidas como essa, o Estado brasileiro foi se tornando cada vez mais presente na reorganização das políticas de saúde, bem como na “defesa da nação” para desenvolvê-la “moral e civicamente”, “social e economicamente”¹⁶.

Os discursos que circularam¹⁷ em jornais e revistas do Brasil e da Colômbia construíam cenários de esperanças nos novos governos, ao mesmo tempo em que davam visibilidade à caótica paisagem da saúde pública nos países, descritos como territórios habitados por gente doente e por uma série de doenças que molestavam

¹¹ Antes existiam a Junta Centra de Higiene (1887-1912), Consejo Superior de Sanidad (Lei n. 33, de 1913) e a Junta Nacional de Higiene (Lei n. 84, de 1914). Posteriormente, a DNH é reorganizada em múltiplas ocasiões: Dirección Nacional de Higiene y Asistencia Pública (1923-1929), Dirección Nacional de Higiene (1929), Departamento Nacional de Higiene y Asistencia Pública (1931-1934), Departamento Nacional de Higiene (1935-1937), Ministerio de Trabajo, Higiene y Previsión Social (1938-1946). GUTIERREZ, Maria Teresa. “Proceso de la institucionalización de la higiene: estado, salubridad e higienismo en Colombia en la primera mitad del siglo XIX”. *Estudios Socio-Jurídicos*, Bogotá, jan. 2010, p. 73-97.

¹² FREIRE, Mary Ann Menezes & AMORIM, Wellington Mendonça de. “A enfermagem de saúde pública no Distrito Federal: a influência do relatório Goldmark (1923 a 1927)”. *Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem*, vol. 12, n. 1, 2008, p. 116.

¹³ Até então, as ações mais contundentes de combate às doenças ocorreram na gestão de Oswaldo Cruz na Diretoria Geral de Saúde Pública, durante o governo de Rodrigues Alves.

¹⁴ Dirigido inicialmente pelo sanitarista Carlos Chagas, o DNSP objetivava centralizar e gestar os serviços de saúde em todo o território nacional.

¹⁵ O Decreto n. 3.987, de 02 de janeiro de 1920, dispõe acerca da reorganização dos serviços da saúde pública no Brasil, enquanto o Decreto 14.354, de 15 de setembro de 1920, refere-se à aprovação do regulamento para o DNSP.

¹⁶ Conforme Lina Faria e Castro Santos, até 1919 as campanhas de educação sanitária promovidas pela Diretoria Geral de Saúde Pública possuíam um perfil localizado e fragmentado. Porém, após a criação do DNSP houve ampliação e modernização das campanhas e dos serviços de saúde no Brasil, interiorizando-se pelos sertões brasileiros e aumentando a circulação de informações sobre a saúde e sobre a educação sanitária. SANTOS, Luis Antônio de Castro; FARIA, Lina. *Reforma sanitária no Brasil*. Bragança Paulista: USF, 2003, p. 13.

¹⁷ Acerca dos conceitos de produção, circulação, distribuição e consumo de informações, estamos dialogando com Roger Chartier. Para Chartier, a relação entre produção de discursos e leitores não é apenas uma relação de imposição da informação dominante, de assujeitamento, mas sim uma relação de negociações, aceitações e recusas do leitor.

a população. Uma biopolítica foi instituída tanto no Brasil quanto na Colômbia, tendo em vista o controle do corpo doente. O analfabeto também era visto como um doente, longe da escola que cura a “burrice”. Na Colômbia, uma biopolítica foi implantada nesse contexto, tendo em vista

[...] las inquietudes que causaban ciertas enfermedades que podían afectar aspectos comerciales y económicos, determinados rasgos de los habitantes y sus formas de vida, las características de las ciudades y de su infraestructura, algunas costumbres que incidían en el rendimiento de los trabajadores o la precariedad de los servicios de las viviendas que resultaban dificultando una disposición adecuada de excretas, contaminaban el suelo y propagaban enfermedades. Se hallaron también problemas en La conservación de alimentos –leche y carne, por ejemplo – y en costumbres alimenticias que desmejoraban la salud de los niños. También, la infancia y el vínculo madre-hijo captaron la atención de los gobernantes.¹⁸

O corpo que falta: o dente como ausência de saúde

No Brasil e na Colômbia era notório o número de pessoas desdentadas ou com problemas dentários frequentes nas primeiras décadas do século XX, conforme registram os relatórios dos presidentes de Estado, os relatórios do Diretor de Instrução Pública, as revistas de Odontologia (tanto do Brasil quanto da Colômbia), bem como a revista *Oral Hygiene*, uma publicação que trazia artigos, correspondências e anúncios não só da Colômbia, mas sobre diversos países da América, inclusive sobre o Brasil. Como maquinarias discursivas, os textos sobre a boca e suas doenças, bem como com os produtos para curá-las e tornarem o rosto belo começam a ganhar visibilidade nos impressos. Era urgente combater esses males, partindo de um diagnóstico da infância. Doença e fealdade versus beleza e saúde foram expressões que conseguiram cada vez mais notoriedade na publicidade¹⁹.

O discurso médico-odontológico sobre o corpo doente aparece em várias mídias e programas educativos no início do século XX. As ideias sobre a saúde bucal e a

¹⁸ PEDRAZA, Zandra. “La disposición del gobierno de la vida: acercamiento a la práctica biopolítica en Colombia”. *Revista Estudios Sociales*, n. 43, ago. 2012, p. 09.

¹⁹ Podemos mencionar, em relação ao caso colombiano, da antropóloga Alicia Londoño Blair, o livro *El cuerpo limpio: higiene corporal en Medellín, 1880-1950*, de 2008. Blair mostra como o dispositivo da higiene vai introduzindo os imperativos da limpeza no espaço doméstico, a questão do limpo na esfera do ético, os códigos de higiene no projeto escolar e a cultura física como agente da estética e da higiene. Ordem e limpeza são preceitos da cultura que, no discurso médico positivista, adquirem justificação científica. A perspectiva usada por Blair ecoa as importantes análises de George Vigarelo em livros como *Lo limpio e lo sucio* e *Lo sano y lo malsano*. Ver: BLAIR, Alicia L. *El cuerpo limpio: higiene corporal en Medellín, 1880-1950*. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2008; VIGARELLO, Georges. *Lo limpio y lo sucio*. Madri: Alianza, 1991; _____. *Lo sano y lo malsano*. Madri: Abada, 2006.

higiene corporal circulam em diversos espaços educativos. A utilização da escola “como espaço de práticas de higiene já era bastante difundida desde as primeiras décadas do século XX, e também na área odontológica”²⁰. É nessa cartografia de saúde pública, que o rosto, particularmente a geografia bucal, ganha novas leituras. O discurso médico-odontológico, presente em jornais, almanaques, revistas, livros de civismo e manuais de civilidade, colocam o rosto e a boca como espaços da percepção de si, da sensibilidade do outro, dos rituais da cura, da comunicação com o outro através do sorriso. Percebeu-se que não é apenas a boca que fala, mas também os dentes, o rosto, o sorriso, o hálito. O higienista brasileiro Renato Kehl, em livro escrito sobre higiene exclusivamente para as crianças, é sensível aos cuidados que os “pequenos soldados da pátria” devem ter com a boca e o rosto. Em forma de mandamentos, escreve ele:

- *Escove os dentes depois das refeições e ao deitar-se ou, então, pela manhã e à noite.*
- *Não leve as mãos, os dedos, o lápis, a caneta e outros objetos à boca.*
- *É um perigo introduzir na boca e mastigar, palito, pedacinhos de papel, de madeira, de arbusto, folhas de árvores, etc.*
- *Lave sempre as mãos ao sair da latrina e quando tocar nalgum objeto sujo.*
- *obedeça sempre a estes mandamentos para ser uma criança forte e bonita, não se esqueça que ninguém pode gostar das que são sujas e desleixadas.*²¹

Em todas essas enunciações, as expressões faciais passaram a ser mostradas como gramáticas da beleza, da saúde, da estética nacional tanto no Brasil quanto na Colômbia. Ter um rosto belo e um sorriso bonito passaram a ser símbolos da nação do “progresso”. Renato Kehl adverte: “Antes de deitar-se para dormir é indispensável escovar os dentes. Os resíduos alimentares, a gordura, retidos entre eles, se não forem removidos, fermentam, apodrecem, ao fim de algumas horas, prejudicando os dentes, alterando o hálito e concorrendo para certos males de peores conseqüências”²².

O homem, comparado a um mamífero, necessitava de bons dentes para a sobrevivência, como atesta o jornal *A União*, ao anunciar um creme dental: “Muitos indivíduos chegam à velhice desdentados como os tatus: é que não usaram, na mocidade, o Creme Dental EUCALOL, à base de eucalypto, que impede a formação do tártaro e tonifica as gengivas”²³. Comparando o homem aos mamíferos, o Creme Dental de Mennen reclama novas formas de sensibilidade,

²⁰ CARVALHO, Cristina. L. & LOUREIRO, Carlos A. “A inserção da odontologia na saúde escolar”. *Cadernos de odontologia*, vol. 1, n. 1, 1997, p. 43-57.

²¹ KEHL, Renato. *A fada hygia*: primeiro livro de hygiene. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925, p. 83-84.

²² KEHL, *A fada hygia...*, p. 83.

²³ *A União*, João Pessoa, 04 jul. 1935, p. 08.

ao fazer uma importante comparação entre as crianças colombianas e os tigres. E conclui: “O tigre tem melhor dentadura que as crianças”²⁴.

Tais reclames funcionam como dispositivos disciplinares, ou seja, os anúncios sobre produtos dentários, uma vez publicados nas páginas dos jornais e revistas, são mobilizados como instrumentos pedagógicos para formação de novas sensibilidades. O sujeito do saber (o dentista) tende a se conectar mediante as imagens e anúncios ao sujeito do desejo (o consumidor), impulsionando uma maior participação deste no processo de difusão do produto²⁵. A escova dentária, como um simulacro da limpeza, representa um objeto de desejo e transforma-se, no discurso da odontologia de mercado, num item indispensável à saúde do sujeito.

A criança, desde a mais tenra idade, deve desenvolver a pedagogia do hábito de escovação dentária, a pedagogia da vontade e da obediência aos saberes emergentes. Esses saberes “propalavam os benefícios da educação do corpo para o desenvolvimento da sensibilidade de acordo com um ‘mundo novo’ que se desejava fosse ‘moderno’ e ‘civilizado’”²⁶. Tanto no Brasil quanto na Colômbia, as conexões dos saberes médico-odontológico significam não somente continuidade, mas também “alternativas ou formas de apropriação singulares de ideias de grande circulação no mundo naqueles anos”²⁷.

Participando das reformas educacionais, médicos e professores contribuíam para prescrever ideias higienistas e eugênicas e levar homens e mulheres a se identificarem com o corpo sadio, absorvendo os conteúdos higiênicos de caráter social, tais como eugenia, saneamento, organização fisiológica, cuidado do corpo, objetivando a beleza e a perfeição da raça²⁸. Tal discurso, ao circular na escola e ser recepcionado por alunos e professores, influenciava-os, como podemos perceber na preleção de formatura da normalista Maria de Lourdes Tavares, do Instituto Pedagógico Campinense. Para ela,

*[...] a bôa educação é que dá ao corpo e à alma, toda a beleza e perfeição de que são capazes (...) Queremos, como Platão, dar ao corpo e à alma de nossos alunos, toda a beleza e perfeição de que forem susceptíveis. Somos artistas porque a educação é uma arte. O nosso material de artífice é constituído por umas almas, ávidas, frementes*²⁹

O texto escrito e lido pela normalista dialoga com conceitos eugênicos e higiênicos, prescrevendo que o corpo do aluno é formado pela “boa educação” e esta é uma “obra de artistas” que modela as almas e os corpos dos escolares para os tornarem perfeitos, dando-lhes um contorno de graça, pegando a massa

²⁴ *El Tiempo*, Bogotá, 04 set. 1921, p. 06.

²⁵ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

²⁶ OLIVEIRA & BELTRAN, “Uma educação para...”, p. 19.

²⁷ OLIVEIRA & BELTRAN, “Uma educação para...”, p. 31.

²⁸ Ver: STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Tradução de Paulo M. Garchet. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005; DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma História da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

²⁹ *Voz da Borborema*, Campina Grande, 11 dez. 1937, p. 03.

informe e transformando-a em uma morfologia do progresso, do moderno, do eugênico, feita à imagem e semelhança da “nobre raça”.

A educação dos sentidos e o cuidado do corpo através da mudança de um comportamento sanitário almejava, por parte das autoridades públicas, muito mais que a interdição compulsória dos “maus costumes”. Almejava a produção de dispositivos pedagógicos que possibilitassem uma nova leitura sobre si mesmo, prestando atenção ao seu corpo, cultivando um jeito de assear-se, um modo de viver, produzindo-se e conhecendo-se como sujeito saudável. “Ensinemo-lhes a combater o próprio erro e a cultivar o bem, pois eles devem ser os maiores educadores de si, porque a auto-educação é mais verdadeira”³⁰. É mediante esse cuidado de si que “o educando vai eliminando os seus defeitos e adquirindo a instrução e a educação”, fazendo sua própria leitura de si, embora esta também seja limitada pelos condicionamentos socioculturais e históricos do meio em que vive. No discurso de Tavares, o sujeito não é mais uma unidade-identidade, mas envoltura, pele, corpo, fronteira.

Os interesses médico-odontológicos encontravam apoio nos interesses do Estado-higienista e nos professores. Os doutores Eustachio de Carvalho, Vital de Mello, Flávio Maroja e João Machado, dentre outros, escreviam discursos que regulamentavam o que podia ou não ser feito para viver com saúde, se defender da varíola, da peste bubônica, da tuberculose, da “peste rubra”, dos maus hábitos alimentares. Era preciso higienizar os escolares, a população brasileira, o povo colombiano. Era urgente uma “pedagogia da boca” para que os corpos não fossem infectados pelos péssimos hábitos de comer qualquer coisa, de “entupir a boca” com açúcares, de não fazer assepsia bucal.

Os leitores dos jornais e revistas especializadas, nos anos iniciais da década de 1920, depararam-se com discursos sobre a educação dos sentidos, acerca da mudança de hábitos alimentares das crianças e dos adultos (não comer com as mãos sujas, não comer catarro, não ingerir carnes e comidas podres, escovar os dentes depois das refeições e antes de dormir). O paladar, portanto, tornou-se um aliado da “boa higiene”, somando-se ao cuidado com o espaço da moradia (onde e como morar, como edificar a casa) e com a precaução com os territórios frequentados (a rua, a escola, as vielas, os mangues). Para esses intelectuais, era urgente a construção de uma nação em dia com os dispositivos médico-sanitaristas, desfazendo as superstições e arcaísmos religiosos, as crendices, as práticas “primitivas” de maternidade, abandonando as receitas de parteiras e de “comadres”, as ervas de farmacêuticos e de prognosticadores³¹.

Nesse embate contra as “forças do mal”, a escola também era vista como um cenário propício no qual o médico-professor deveria atuar, dar aulas de vida e sobre a vida, destilar a química do seu conhecimento, a história da vida e da morte, a geografia das doenças, a ciência do corpo e da mente, a sociologia dos direitos e deveres do cidadão, a semiologia das palavras e das coisas. Na frente dos escolares, o mestre deveria portar-se como um “sábio detetive”, inspecionando os corpos em busca de vestígios de sujeira nas unhas, os indícios de manchas na pele, no

³⁰ *Voz da Borborema*, Campina Grande, 11 dez. 1937, p. 03.

³¹ PIRES, Accácio. “Catecismo popular do opilado”. *A União*, Cidade da Parahyba, 21 jun. 1921, p. 08.

pelo, nos pés. Esse professor deveria reeducar o olhar para investigar, procurar os rastros de doença, os piolhos que desfilavam no corpo dos paraibanos, irritando a sua cabeça, preocupando as autoridades sanitárias, “assustando” as vítimas. Descrevendo a urgência de sanitizar o corpo paraibano, Accácio Pires desenha o sujeito local como um “parque zoológico”, como um ser de várias paisagens: tátil, gustativa e olfativa:

Cada homem é um parque zoológico sendo que a cada região do corpo corresponde uma fauna especial. Não há cabeça onde não fervilhem os piolhos, corpo livre de ácaros, pés sem bichos, tripas sem vermes, sangue sem hematozoário e vísceras sem treponema.³²

Para cuidar desse “homem-bicho”, era preciso a criação de órgãos públicos para educar sua sensibilidade (tato, olfato, paladar, visão, audição) e higienizar suas posturas, conforme atesta a Revista *Hygiene Oral*, da Colômbia. Era necessário educar o tato para não tocar em coisas contaminadas; refinar o paladar para selecionar o alimento puro; aguçar o olfato para não ter contato com os cheiros podres, enfim, era urgente sanear as sensibilidades. Dessa forma, a institucionalização dos gabinetes dentários e dos serviços de profilaxia, a partir da década de 1920, marcava um novo tempo para a educação do corpo, pois tais instituições agiriam como polícia sanitária, como inspetores da boca, como vigilância médica, além de atuar nas áreas de desinfecções, vacinações e revacinações, isolamento e demografia sanitária, saúde bucal e de estabelecer campanhas para mudar os hábitos higiênicos dos brasileiros e colombianos.

Considerações Finais

Com efeito, ao lado das reformas na saúde pública, nas décadas de 20 e 30 do século XX, as reformas educacionais³³ são narrativas que celebram um “tempo novo” para os países em apreço, conforme narra a colombiana Zandra Pedraza, ao comentar as práticas de higiene e controle do corpo na Colômbia³⁴. Nesse contexto, ganha cada vez mais visibilidade o discurso do dentista e do profissional da odontologia e sua circulação nos periódicos do período. Participando dessas reformas educacionais, o odontólogo contribuía para prescrever ideias higiênicas e levar homens e mulheres a se identificarem com o corpo sadio, prescrevendo novas posturas em relação à boca e ao rosto e gestando novas sensibilidades corporais.

No caso da Colômbia, a primeira metade século XX esteve envolvida pela mudança constante das instituições estatais que cuidavam da saúde pública, desde

³² “Carta de Acácio Pires a Belisário Penna”, 07 jul. 1921.

³³ Nesse período, propunham-se, nesses dois países, reformas na instrução pública, a exemplo da Reforma colombiana de 1903, “reformulada” em 1926, e das Reformas nos estados brasileiros, como a de 1917, na Paraíba. A Lei n. 39, de 1903, na Colômbia, era uma lei orgânica que fixou as bases fundamentais da instrução pública primária, secundária, industrial, artística e profissional. Esta lei foi regulamentada pelo decreto 491 de 1904.

³⁴ PEDRAZA, “La disposición del gobierno...”.

a Junta Central de Higiene, criada em 1886, como dependência do Ministério de Fomento, até a Direção Nacional de Salubridade, criada em 1946, ligada ao Ministério do Trabalho, Higiene e Prevenção Social. Em 1923 o Ministério de Instrução Pública se transforma em Ministério de Instrução e Salubridade. A higiene e a assistência pública foram reorganizadas em diferentes instituições do Estado uma média de 15 vezes. Somente em 1953 é criado o Ministério da Saúde Pública³⁵.

O estudo das aproximações e conexões entre os campos discursivos higiênico e pedagógico nesses dois países constitui o perfil do estatuto de saber médico, pois, conforme D'Ávila³⁶, os profissionais da medicina da América Latina chamaram para si o poder de remediar a população, com a missão de curar os “males do país”, assumindo a questão da educação pública como um território no qual podiam interferir. Os discursos médico-odontológicos eram endereçados aos leitores, quase sempre mediante a preocupação com o controle social e com a afirmação de um estatuto profissional como fundamental para a implementação de um projeto saneador e modernizador. Dessa forma, organizaram as escolas como “clínicas em que os males nacionais associados à mistura de raças poderiam ser curados. Suas crenças forneceram um poderoso motivo para a construção de escolas e moldaram a forma como essas escolas funcionariam”³⁷. Como “clínicas” de saúde, a escola era um dos lugares de disseminar o conhecimento médico-odontológico, conforme podemos observar na revista *Oral Hygiene*³⁸ e em outros periódicos que circularam nesse contexto.



³⁵ PEDROZA, Marlín Telles. *Reconstrucción histórica del proceso de creación del Ministerio de Salud Pública en Colombia*. Bogotá: Facultad de Medicina, 2011, p. 02.

³⁶ D'ÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

³⁷ D'ÁVILA, *Diploma de brancura...*, p. 22.

³⁸ Exercícios de um “odontólogo-professor” para ensinar as crianças a utilizar as escovas de dente em uma escola colombiana. *Oral Hygiene*, jul. 1933, p. 25.

RESUMO

Este texto tem como objetivo estudar as aproximações e circulação de ideias educativas em torno da saúde bucal no Brasil e na Colômbia no período compreendido entre 1918 a 1946, colocando em suspeição os discursos que circularam no período supracitado, emitidos por médicos, cirurgiões dentistas, educadores e autoridades públicas que escreviam na história vários enunciados sobre as identidades dos sujeitos. Dialogamos com a teoria que repensa os conceitos de leitura e de apropriação de discursos construídos pela Nova História Cultural, como estratégia metodológica para problematizar os modos de prescrever o corpo higienizado. Como fontes, pesquisamos os jornais *A União*, *A Voz da Borborema* e o *Jornal das Moças*, a *Revista de Odontologia* e a *Revista Era Nova* (Brasil), bem como as revistas *Oral Hygiene*, *Revista da Federação Colombiana de Odontologia*, o *Boletim Dental* e a *Revista de Odontologia*, além dos jornais *El Tiempo* e *El Espectador* (Colômbia), bem como memórias ministeriais, decretos e leis voltados para a saúde pública e educação do corpo nos países e no período supracitados. Assim, em diversos reclames publicitários e artigos dos periódicos, a educação bucal é apresentada como fundamental para o homem moderno, para a conquista de novos territórios culturais, pessoais, sociais e profissionais. Dessa forma, diversos agenciamentos pedagógicos e publicitários são utilizados como dispositivos para que o homem e a mulher tenham boca e sorrisos perfeitos, mercadologicamente produzidos, estrategicamente orientados para as visitas sistemáticas aos cirurgiões dentistas. No referido período, a implantação dos gabinetes dentários nas escolas públicas também fez parte dessa pedagogia da boca, mobilizando políticos e educadores em prol da construção de uma população higienicamente produzida.

Palavras Chave: Biopolítica; Medicalização; História da Educação; História da Higiene Dental.

ABSTRACT

This text aims to study the approaches and circulation of educational ideas on oral health in Brazil and Colombia in the period 1919-1946, laying on suspicion speeches that circulated during the stated period, issued by doctors, dentists, educators and public officials who wrote on the history several statements about the identities of the subjects. We dialogued about the theory that rethinks the reading concepts and discourses of ownership built by New Cultural History, as a methodological strategy to analyse the mode of prescribing the sanitized body. As sources, we research the newspaper *A União*, *Jornal das Moças*, the magazine *Oral Hygiene* and the *Revista Era Nova* (Brazil), *Revista da Federação Colombiana de Odontologia*, *Boletim Dental* and *Revista de Odontologia*, besides the newspapers *El Tiempo* and *El Espectador* (Colombia) and ministerial memories, decrees and laws focused on public health and body education in the countries and the aforementioned period. Thus, in many advertising signs and journal articles, oral education is presented as fundamental to modern man, to conquer new cultural, personal, social and professional territories. Thereby, many educational and advertising assemblages are used as devices to the man and the woman have mouth and perfect smiles, merchandising produced, strategically oriented to the systematic visits to dentists. In that period, the implementation of dental offices in public schools was also part of that mouth pedagogy, mobilizing politicians and educators in favour of the construction of a population hygienically produced.

Keywords: Biopolitics; Medicalization; History of Education; Mouth Hygiene's History.

Artigo recebido em 14 set. 2014.

Aprovado em 05 nov. 2014.